

Terapia de Família: relações familiares e o processo de inclusão

Sonia Beatriz Sodré Teixeira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria.

Doutora em Ciências da Saúde pelo IPUB/UFRJ, professora do curso de especialização em saúde mental da infância e adolescência do IPUB/ UFRJ.

Trata-se de uma família que traz, como questão central o total descontrole da filha Maria, uma jovem de 16 anos, que vem desafiando os pais: não dá satisfação a ninguém de seus atos, só se veste de preto, usa vários *piercings*, sai todas as noites, fuma maconha, frequenta bares e locais suspeitos, falta à escola por não conseguir acordar pela manhã etc. Os pais, separados há 10 anos, pouco se comunicam e, cada um à sua maneira, parecem desorientados com a adolescência da filha, que pela primeira vez repete o ano letivo (primeiro ano do 2º grau).

A primeira impressão, ainda no momento da triagem, apontou para a necessidade de se ouvir, não só Maria, mas, principalmente, seus pais para contextualizar os problemas apresentados e ajudá-los a sair de uma visível paralisação frente ao que estava acontecendo com a filha. As primeiras entrevistas foram feitas com mãe e tia materna, que procuraram o Serviço Infantojuvenil, trazendo “*que a família toda é perturbada, é doente, ninguém se salva*”. Em seguida atendemos a mãe sozinha, e logo após o pai foi introduzido, permanecendo os dois em atendimento durante um ano com sessões semanais.

A mãe, Débora, tem 48 anos, é profissional de saúde e trabalha na rede pública. Muito magra e

aparentando extrema fragilidade, se orgulha, no entanto, de sua aparência jovial e tem na atividade física - malhação diária numa academia – seu único espaço de saúde, “*é onde relaxo, é a minha terapia*”. O pai, João, 50anos, também tem um emprego público. Mantém uma aparência jovem, porém descuidada. Eles se separaram há 12 anos, quando João se envolveu com outra mulher, o processo de afastamento não foi tranquilo para nenhum dos dois que fizeram algumas tentativas de reaproximação, sem sucesso. João não voltou a se casar e desde então reside com o pai que é viúvo, com uma saúde bastante precária exigindo serviço de acompanhamento diário.

Débora e Maria, por sua vez, residem com os avós maternos também num apartamento da tia materna; ambas dividem um quarto que tem televisão, som, telefone, duas camas e um armário- esta situação é fonte de atritos entre mãe e filha que se queixam de falta de privacidade e constantes invasões de uma na vida da outra. O avô materno sofre de demência e tem comportamentos inadequados como acordar durante a noite falando alto, colocar o som no volume máximo. Segundo Débora seu pai é obcecado por sexo e fica segurando o pênis na frente da família e ela teme que ele assedie sexualmente Maria, então pede que a filha tranque a porta do quarto e que seja mais discreta nas

roupas que usa. A avó tem medo do marido e jamais fica só com ele em casa. A tia materna de Maria é advogada e ocupa um lugar privilegiado na família - “*ela deu certo*”- afirmam; foi por seu intermédio que chegaram ao Serviço, solicitando ajuda.

O processo de atendimento

No início do atendimento, os relatos giravam em torno de Maria- ela gritava com a avó exigindo coisas, fazendo dela quase uma escrava na medida em que exigia comidas especiais, obrigando-a a descer diversas vezes à rua para satisfazê-la. A adolescente não cuidava de sua higiene pessoal, não dava descarga quando usava o banheiro, deixava absorventes usados em cima da pia: “*só para me irritar*”, diz a mãe. Pegou piolho e a mãe encontrou baratas dentro do seu armário misturado com restos de comida que a filha se recusava a levar até a cozinha. Durante o processo o foco foi se deslocando para as reações dos pais frente ao que acontecia, para os padrões relacionais construídos e sobre os quais não se sentiam capazes de modificar. A indignação da mãe se traduzia apenas em fazer pela filha, andar atrás dela, lavar suas calcinhas, arrumar sua bagunça e reclamar de sua sobrecarga. A relação entre as duas era permeada pelo desrespeito, Maria chamava sua mãe de “*fraca, infeliz, fracassada,*

que vive de favores e nem tem uma casa para morar”, insistentemente pergunta para ela ‘por que você teve filho?’. Manda a mãe calar a boca, grita a ponto dos vizinhos reclamarem e muda muito de humor, é capaz de atirar coisas na parede de raiva e minutos depois ficar doce e quieta; em suma, todos na casa têm medo dela. O pai se espanta com os relatos de Débora, tenta justificar o comportamento da filha por ela estar na adolescência e também por ser “aquela casa um inferno”, acha que existe um certo exagero nos relatos e afirma que com ele nada do que foi dito pela mãe, acontece. Débora se vê sem saída, acuada, paralisada, deseja largar tudo e ir morar sozinha bem longe, a saída para ela em alguns momentos é a morte- “vou acabar morrendo, ela está me matando, não aguento mais, tenho vontade de acabar com tudo”.

O pai, descrito pela mãe como “um zero à esquerda”, “um garotão irresponsável que não quer crescer”, tem uma relação peculiar com Maria na medida em que se coloca apenas como um amigo, igual a ela, perdido e desprovido de qualquer traço de autoridade ou limite; durante as sessões João fica muito espantado com as colocações de Débora porque ele não a vê como a mãe, segundo seu ponto de vista, Maria é massacrada pela avó que a sufoca, pelo contexto familiar que é péssimo e pelas exigências da mãe. No que se refere ao

uso de drogas, acha normal experimentá-las, “só não pode pegar pesado”, conta que a filha uma ocasião lhe pediu para ensiná-la a enrolar maconha, o que ele recusou, embora faça uso dela com frequência e com o conhecimento de todos. João gosta de tomar chope na beira da praia, andar de patins pela orla, frequentar os quiosques e beber com os amigos, além de ir a várias boates nos finais de semana. Diz ele que leva uma vida bem livre e um pouco desregrada para poder aguentar as pressões do dia a dia. Pai e filha vão aos mesmos lugares e talvez façam parte da mesma “tribo”. Certa vez, Débora se mostrou indignada com o fato dele ter “cantado uma amiga de Maria”, o que foi negado por ele, não sem achar muita graça no boato.

Nossa impressão inicial era a de que se tratava de uma família com padrões relacionais caóticos, pouco definidos, muitas vezes contraditórios, oscilando entre agressividade e passividade, fazendo através da adolescência de Maria uma busca desesperada de saída para todo o sistema familiar. O que chamou atenção de imediato foi a pouca diferenciação entre os membros da família, a ausência de hierarquia, e o completo despreparo dos pais para as funções parentais, na medida em que ambos estavam ainda presos as suas próprias histórias com as respectivas famílias de origem. Além disso, eles

incorporavam a simetria e a igualdade da família contemporânea no seu aspecto mais perverso: não há diferenças entre pais e filhos e sim um completo nivelamento entre eles. No caso de Débora, três gerações conviviam e compartilhavam, não só o mesmo espaço físico, mas também, as mesmas aflições e angústias frente ao temor da separação. No que se refere o João, seu comportamento adolescente expressava, entre outras coisas, uma impossibilidade de ser adulto e funcionar como pai. Sua relação com o próprio pai sempre foi difícil e ele desconhecia qual era o seu lugar naquele contexto. Com a filha, também não encontrava uma posição segura e confortável para se relacionar. Havia uma dificuldade de lidar com limites e a ausência de figuras de autoridade que pudesse impor a lei e organizar minimamente as relações familiares, que eram tensas e com ameaças drásticas de ruptura pela via da morte ou pelo próprio comportamento de risco de Maria.

Nossa estratégia de atendimento se dirigiu prioritariamente aos pais de Maria na tentativa de ajudá-los a se construírem como referencia básica para a filha, mesmo levando em conta o fato de estarem separados e de só se falarem na sessão. O eixo central nos encontros girava em torno das diferenças: o que é ser mãe/pai; diferença entre ser pai/mãe e ser amigo; diferença entre ser avó/mãe;

a diferença entre a posição do adulto e do adolescente hoje. A questão passava pelos variados significados do comportamento da filha e o lugar centralizado que ela ocupava com a aquiescência de Débora e João, fazendo com que todos girassem ao seu redor por medo, perplexidade e submissão.

A terapia de Família ofereceu a esta família um espaço de escuta e reflexão, de mudanças e tentativas conjuntas de encontrar novas alternativas de ação, ainda não experimentadas. O foco no relacional, naquilo que ocorria entre pais e filha, possibilitou a que revissem suas atitudes e se incluíssem na questão, deixando para trás a ideia de que o problema era exclusivamente da filha. No processo de atendimento ocorreram pequenas, mas significativas mudanças, por exemplo, na interação familiar: Maria passou a avisar a mãe aonde ia e com quem, a mãe por sua vez conseguiu impor regras para a convivência entre as duas, o pai deixou de ser periférico na vida de Maria visitando-a com mais frequência e participando de sua vida escolar. As questões sobre mesada, saídas noturnas, durante a semana, namoro e horários de chegada em casa passaram a ser negociadas mostrando que houve uma saída da paralisação parental. A possibilidade de se trabalhar com o enfoque familiar, envolvendo todo o grupo que sofre, certamente amplia o

entendimento da situação e oferece uma perspectiva de descentralização do motivo da procura ao serviço – o comportamento agressivo, impulsivo e inadequado cuja responsabilidade era atribuída, exclusivamente, a Maria.

O enfoque familiar

Existem muitas possibilidades de se trabalhar com famílias: com os pais, só com a mãe, com o pai e filhos, só com os filhos, com todo o grupo familiar, com o enfoque no casal, incluindo os avós, trazendo amigos ou aquelas pessoas afetivamente envolvidas, enfim criando múltiplos arranjos que permitam um espaço de reflexão e uma mudança de contexto.

No caso da terapia de família com crianças e adolescentes, é importante não perder de vista a possibilidade de se trabalhar também com o ambiente social externo, ou seja, a escola, a creche etc, no sentido de ampliar a rede de ajuda e trabalhar

com o enfoque interdisciplinar. Outro aspecto relevante diz respeito à ideia de terapia familiar como um fator para tornar os relacionamentos mais funcionais, implicando na confiança na família e nos seus múltiplos recursos de transformação. Ao contrário de pensá-la como fonte de fracasso e principal responsável pelos conflitos, acredita-se nas suas forças e na busca gradual de renegociação dos vínculos, numa perspectiva de trabalhar com e não para ela.

Para saber mais

Fishman, H. C. - Tratando adolescentes com problemas - uma abordagem da terapia familiar. Artes Médicas, Porto Alegre, 1996.

Minuchin, S.- A cura da família. Artes Médicas, Porto Alegre, 1998.

Wagner, A. - Família em crise: tramas, dramas e transformações. Vozes, Petrópolis, 2002.

Roudinesco, E. - A família em desordem. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

